



INTRODUÇÃO

POR QUE VOCÊ PRECISA DE UMA REVOLUÇÃO DA ESCRITA EM SUA SALA DE AULA

No início do ano letivo, a professora Capiello estava prestes a propor sua primeira atividade de escrita para os alunos do 9º ano. Suas expectativas eram baixas, pois, em anos anteriores, ela havia percebido que, embora os estudantes não tivessem dificuldade em manter uma conversa, a história era bem diferente quando se tratava de escrever. Mesmo ao final do ano letivo, os textos entregues pelos alunos geralmente não faziam muito sentido.

“Não dá nem para dizer se são textos bons ou ruins...”, ela disse a um colega certa vez, “porque nem consigo entender a maioria deles”.

De acordo com o currículo, os alunos deveriam escrever uma redação ao fim de cada unidade. Além disso, precisavam responder a questões dissertativas nos exames estaduais. Como poderia ensiná-los a fazer isso, pensava a professora Capiello, se eles não conseguiam escrever um parágrafo? Em anos anteriores, muitos alunos tinham dificuldade para produzir frases coerentes. Sua formação de professora não incluía nada sobre como ensinar a escrever.

Para avaliar as habilidades de escrita de seus novos alunos, a professora pediu que redigissem um parágrafo sobre como um personagem muda ao longo de um romance, história ou peça de teatro. A maioria dos parágrafos começava com uma frase que mais parecia algo que eles diriam se estivessem respondendo de forma oral.

Um aluno chamado Michael escreveu:

No Star Wars Tem um Personagem chamado Anakin Skywalker que mudou com o tempo de um jeito muito Sombrio

Uma aluna chamada Maria escreveu:

Eu estou lendo um livro sobre uma criança que está na escola.

A maioria dos parágrafos só piorava a partir daí. As frases estavam em ordem aleatória, e algumas sequer eram frases completas. Mesmo quando eram, seguiam sempre a mesma estrutura simples. Pouquíssimos alunos tentaram finalizar o parágrafo com algo parecido com uma frase de conclusão.

A professora Cappiello suspirou. Parecia que aquele ano seria como todos os outros. Ela queria muito ajudar seus alunos a aprenderem a se expressar por escrito, mas não sabia por onde começar.

DO QUE OS PROFESSORES PRECISAM: UM GUIA PARA O ENSINO EXPLÍCITO DA ESCRITA

A turma da professora Cappiello não é uma exceção. Muitos estudantes têm dificuldade em se expressar de forma clara e coerente por escrito. Em exames nacionais nos Estados Unidos, apenas cerca de 25% dos alunos conseguem atingir o nível proficiente em escrita (National Center for Education Statistics, 2012).

No entanto, a **escrita expositiva** — o tipo de escrita que explica e informa — é essencial para o sucesso tanto na escola quanto no mercado de trabalho. Estudantes que não conseguem escrever de forma competente enfrentam dificuldades no ensino médio e na faculdade. Independentemente do caminho que escolham seguir, a habilidade de expressar ideias por escrito de maneira clara e compreensível é crucial.

O problema não é que os estudantes sejam incapazes de aprender a escrever bem; o problema é que muitas escolas não os estão ensinando a escrever. Os professores podem até propor atividades de escrita, mas geralmente não sabem como ensinar a prática de forma explícita e organizada, começando no nível da frase.

Assim como aconteceu com a professora Cappiello, o curso de formação da maioria dos professores não ensinou como desenvolver a escrita. A suposição é que, se os alunos lerem e escreverem bastante, vão adquirir as habilidades de escrita de forma natural, quase por “osmose”. Às vezes essa abordagem é chamada de “capturar a escrita”. No entanto, há poucas evidências que embasem essa ideia. Um estudo recente realizado ao longo de dois anos com crianças na Noruega, por exemplo, revelou que aumentar a quantidade de atividades de escrita não impactou a qualidade dos textos produzidos pelos alunos (Skar *et al.*, 2023).

Há muitas evidências de que poucos alunos se tornam bons escritores por conta própria. Muitos estudantes, mesmo na universidade, têm dificuldade em

construir uma frase coerente, quanto mais um ensaio fluido e coeso. Talvez alguns de seus alunos, ou a maioria, se encaixem nessa categoria.

Para funcionar, o ensino da escrita deve começar no ensino fundamental. Contudo, quando os alunos têm a chance de escrever nesse período, os professores costumam esperar que eles escrevam textos muito longos cedo demais. Os estudantes não aprendem primeiro a construir frases interessantes e gramaticalmente corretas. Não são ensinados a fazer um planejamento ou esquema antes de escrever textos mais longos. A ideia é que, mais tarde, eles vão melhorar sua escrita, sob a orientação do professor, criando textos com coerência e, talvez, gramática e pontuação corretas. Dessa forma, entretanto, depois de receber *feedback*, eles podem relutar em reescrever um texto de muitas páginas no qual já trabalharam por horas. Os professores, por sua vez, confrontados com páginas de escrita incoerente e cheia de erros, talvez não saibam por onde começar.

Quando os alunos chegam ao ensino fundamental II ou ao ensino médio, presume-se que já tenham aprendido o básico da escrita. Professores do ensino médio, como a professora Cappiello, sabem que isso não é a realidade. No entanto, em vez de começar ensinando as habilidades fundamentais que seus alunos não têm — por exemplo, ajudando-os a escrever frases bem elaboradas —, os professores se sentem pressionados a fazer com que eles atendam às expectativas do nível de ensino e produzam redações com vários parágrafos.

Há muito tempo, espera-se que os professores do ensino médio peçam aos alunos que escrevam de forma crítica sobre o conteúdo das aulas. Contudo, muitos alunos do ensino fundamental I e do ensino fundamental II não conseguem ir além das narrativas, geralmente sobre experiências pessoais. Esse tipo de escrita não os preparou para as exigências do ensino médio, da faculdade e do mercado de trabalho.

Muitos estados dos Estados Unidos reformularam seus padrões. Agora se espera que os professores de quase todos os níveis de ensino ensinem não apenas narrativas, mas também redações informativas e argumentativas. Vários *sites* disponibilizam exercícios para ensinar essas habilidades; por exemplo, pedindo que os alunos escrevam um “texto argumentativo” sobre o que eles preferem: M&M’s® ou Skittles®.

É improvável que essas atividades preparem os alunos para escrever as redações críticas e argumentativas esperadas em níveis de ensino mais altos, mas não há muitas orientações confiáveis sobre o que fazer em vez disso (Gilbert; Graham, 2010). Os padrões de escrita mostram aos professores aonde seus alunos devem

chegar, mas o que eles precisam de verdade é de um guia que mostre como alcançar esse objetivo.

The Writing Revolution, uma organização sem fins lucrativos, oferece esse guia ao difundir o método Hochman para educadores no mundo todo. A abordagem do método é clara, coerente e baseada em evidências, além de poder ser aplicada independentemente da disciplina ou do nível de ensino.

O método tem demonstrado sua eficácia em transformar alunos que têm dificuldades para escrever em escritores competentes. A prática da escrita é focada em técnicas que atendem às necessidades dos alunos, e o *feedback* é imediato e claro. Por mais desafiadores que possam parecer os problemas de escrita dos estudantes, o método A revolução da escrita é capaz de promover uma diferença significativa.

O QUE O ENSINO DA ESCRITA PODE FAZER POR VOCÊ E SEUS ALUNOS

O ensino explícito da escrita oferece benefícios significativos tanto para os professores quanto para os alunos. Confira a seguir alguns deles.

- **Identificação de lacunas na compreensão leitora.** Ao pedir que os alunos escrevam sobre o que estão aprendendo, descobrimos lacunas importantes no conhecimento deles que os impedem de acessar conteúdos adequados ao nível de ensino.
- **Familiarização com a complexidade da sintaxe.** O vocabulário e a sintaxe (estrutura das frases) da linguagem escrita são mais complexos do que os da linguagem falada. Alunos que não estão familiarizados com essa complexidade geralmente enfrentam dificuldades de compreensão. O problema é comum: um estudo em larga escala e de longo prazo revelou que menos de 10% dos alunos do 8º ano nos Estados Unidos conseguem “analisar a sintaxe de forma complexa” (Reardon *et al.*, 2013). Além disso, o especialista em leitura Timothy Shanahan destacou que “há uma série de estudos rigorosos que mostram que a compreensão da sintaxe está correlacionada com a compreensão de leitura” (Shanahan, 2022). Quando os alunos aprendem a usar a sintaxe e o vocabulário de forma mais sofisticada na escrita, eles também se tornam mais capazes de compreender essas estruturas ao encontrá-las em textos que leem (Hebert; Simpson; Graham, 2013).

- **Aperfeiçoamento da compreensão leitora e do aprendizado.** Estudos demonstram que, quando alunos de qualquer nível escolar escrevem sobre textos que leram ou conteúdos que aprenderam — não apenas na disciplina de língua inglesa, mas também em história, ciências e matemática —, sua compreensão em leitura e seu aprendizado são aprimorados (Scott; Balthazar, 2013). Segundo um painel de especialistas convocado pelo Departamento de Educação dos Estados Unidos (Graham *et al.*, 2016), a escrita “pode melhorar a compreensão de leitura, o pensamento crítico e o conhecimento de conteúdos específicos” em diversas disciplinas. Por exemplo, um estudo com aprendizes de inglês que também apresentavam dificuldades em matemática mostrou que, ao aprender a reescrever problemas matemáticos, eles tiveram benefícios significativos e duradouros em suas habilidades matemáticas (Orosco; Reed, 2023).
- **Aperfeiçoamento das habilidades de fala.** Conforme os alunos começam a usar termos mais complexos e estruturas frasais mais sofisticadas para escrever, muitos deles levam essas características para a fala.
- **Aperfeiçoamento das habilidades de organização e estudo.** As atividades do método Hochman ensinam os alunos a parafrasear, fazer anotações, resumir e criar esquemas. Essas técnicas auxiliam a absorver e reter informações essenciais. Estudos sobre a prática de resumir indicam que ela tem fortes efeitos positivos para leitores com dificuldades. Após revisar as pesquisas, o Painel Nacional de Leitura concluiu que resumir ajuda os alunos a integrar ideias, generalizar conceitos e reter informações (National Reading Panel, 2000).
- **Desenvolvimento do pensamento analítico.** O processo de escrita exige que, desde cedo, os alunos organizem suas ideias e coloquem informações em sequência. Conforme avançam nos anos escolares, precisam filtrar mais informações, identificar o que é relevante, estabelecer conexões entre fatos e ideias e organizar seus pensamentos de maneira lógica e coerente. **De forma sistemática e progressiva, ensinar escrita é equivalente a ensinar os alunos a pensar.**

Os alunos que têm a oportunidade de aprender e praticar as estratégias do método A revolução da escrita em atividades cuidadosamente estruturadas se tornam mais capazes de compreender o que leem, de expressar-se oralmente e de pensar de forma crítica.

UMA BREVE HISTÓRIA DO MÉTODO A REVOLUÇÃO DA ESCRITA

Anos atrás, como a maioria dos professores, eu costumava propor atividades de escrita com foco nas experiências, na criatividade e nos sentimentos dos alunos: uma viagem a um país imaginário, um momento marcante em suas vidas. Na graduação e na pós-graduação, não aprendi a ensinar escrita nem fui incentivada a ler pesquisas sobre ensino nessa área.

Mais tarde, como gestora escolar, observei muitas aulas semelhantes. Nos anos mais avançados, quando os professores pediam redações, assumiam que os alunos intuitivamente saberiam como organizar e colocar informações em sequência, apresentá-las de forma clara e coerente para o leitor, além de desenvolver uma introdução e uma conclusão consistentes. Os resultados, porém, quase sempre e de forma contundente, contrariavam essas suposições.

Fiquei impressionada com a diferença entre o ensino da escrita e o da leitura em nossa escola. Para ensinar leitura, eu não entregava um livro aos alunos e dizia apenas: “Leiam isto”. Eu utilizava uma abordagem bem fundamentada, baseada no método Orton-Gillingham (2022) para o ensino explícito da fônica, e preparava atividades cuidadosamente sequenciadas para desenvolver as habilidades dos alunos até que lessem com naturalidade e sem erros. Já na escrita, uma tarefa ainda mais complexa, eu não tinha ferramentas para ajudar os alunos. Se suas produções textuais não atingiam as expectativas, o *feedback* que oferecíamos limitava-se a observações como “Você pode fazer melhor” ou “Escreva mais detalhes”. É claro que isso não era suficiente.

Naquela época, assim como hoje, os pesquisadores acadêmicos dedicavam muito mais atenção à leitura do que à escrita. Diante disso, comecei a testar. Primeiro, como responsável pelo currículo e, mais tarde, como diretora escolar, pedi aos professores que parassem de ensinar as técnicas de escrita de forma isolada. Passamos a pedir aos alunos que escrevessem sobre o conteúdo que estavam aprendendo. Nosso *feedback* era mais específico: “Escreva seu argumento mais forte no final”, “Use conectivos para apresentar seus pontos” ou “Tente começar sua tese com uma conjunção subordinativa”. Como havíamos usado o ensino explícito para essas estratégias, os alunos conseguiam aplicá-las corretamente.

Ao notar que essas técnicas funcionavam para nossos alunos, percebi que pesquisadores interessados nas práticas recomendadas para o ensino da escrita estavam encontrando evidências que corroboravam o que fazíamos. As técnicas que utilizávamos não apenas transformavam nossos alunos em escritores melhores,

mas também melhoravam seu pensamento analítico, sua compreensão leitora e sua comunicação oral.

Em 2012, a revista *The Atlantic* publicou um artigo sobre os resultados impressionantes do método Hochman em uma escola de ensino médio com baixo desempenho na cidade de Nova York (Tyre, 2012). Conforme descrito no artigo, antes de adotar esse método, muitos alunos não sabiam como construir frases com conjunções, como “mas” e “por isso”, muito menos usando “embora” e “apesar de”. Após alguns anos da implementação das novas estratégias de escrita, as diversas métricas de desempenho da escola subiram significativamente (Tyre, 2012).

O artigo despertou um enorme interesse pelo método e, por isso, fundei uma organização sem fins lucrativos que tem como nome o título do artigo da *The Atlantic*: *The Writing Revolution*.

Desde então, educadores dos Estados Unidos — e até de outros lugares do mundo — conheceram o método e aprenderam como implementá-lo por meio dos cursos oferecidos pela *The Writing Revolution*. Descobrimos que os professores anseiam por saber como ensinar escrita de maneira explícita, algo que ainda não é abordado na maioria dos programas de formação docente (Tyre, 2012). Muitos educadores que participam dos cursos da *The Writing Revolution* relatam que seus alunos se beneficiam do ensino explícito e estruturado da escrita. O método Hochman e os princípios que o embasam podem beneficiar qualquer aluno, de qualquer ano escolar, em qualquer escola.

POR QUE MUITOS ESTUDANTES NÃO APROVEITAM OS BENEFÍCIOS DA ESCRITA

Antes, destacamos diversos potenciais benefícios da escrita, como aperfeiçoamento da compreensão leitora, da expressão oral e da aprendizagem em geral. Infelizmente, muitos, se não a maioria dos alunos, não estão usufruindo desses benefícios.

Uma das principais razões para isso é que escrever é extremamente difícil. Na verdade, pode ser a tarefa mais desafiadora que pedimos aos alunos. Isso porque a escrita impõe uma carga pesada à **memória de trabalho**, o aspecto de nossa consciência que recebe e tenta processar novas informações.

A memória de trabalho pode reter apenas algumas informações novas — talvez quatro ou cinco — por cerca de 20 segundos; depois disso, começa a ficar sobrecarregada. Alunos inexperientes na escrita tentam lidar com diversos

elementos na memória de trabalho ao mesmo tempo: desde a formação de letras, no caso de crianças pequenas, até a escolha de palavras e a organização de ideias. Por isso, talvez eles não tenham capacidade suficiente na memória de trabalho para aprender a escrever bem ou para analisar o conteúdo sobre o qual estão escrevendo, sobretudo quando o conteúdo é novo para eles e quando precisam escrever textos longos. Assim, perdem tanto a oportunidade de aprender a escrever bem quanto os outros benefícios que a escrita pode oferecer.

A capacidade da memória de trabalho varia de uma pessoa a outra, e não há uma maneira confiável de expandi-la. No entanto, há uma maneira confiável de contornar suas limitações. Quando informações relevantes estão armazenadas na **memória de longo prazo**, não é necessário processá-las na memória de trabalho.

A memória de longo prazo pode armazenar uma quantidade ilimitada de informações por um período indefinido. No contexto da escrita, isso inclui não apenas o conhecimento sobre o tema que está sendo abordado, mas também o domínio de estratégias de escrita, como variar a estrutura das frases, conectar ideias e organizar um parágrafo ou texto. Uma vez que os estudantes dominam as estratégias, esse conhecimento fica armazenado na memória de longo prazo, pronto para ser acessado sempre que necessário.

Antes de poder aproveitar o potencial da memória de longo prazo, porém, dois passos são necessários. Primeiro, é preciso transferir a nova informação da memória de trabalho para a memória de longo prazo, o que geralmente acontece quando atribuímos significado a essa informação. Uma boa forma de fazer isso é explicar a informação a outra pessoa com nossas próprias palavras, algo que fazemos ao escrever.

Segundo, é fundamental recapitular essa informação da memória de longo prazo quando necessário. Quanto mais praticamos a **recapitulação**, mais acessível essa informação se torna. Estudos mostram que essa é uma estratégia muito eficaz para consolidar o aprendizado em todas as idades, desde o ensino fundamental até a universidade. Uma das formas mais eficientes de praticar a recapitulação é por meio da escrita (Karpicke; Blunt, 2011).

O fato de a escrita ser tanto uma forma de transferência quanto de recapitulação ajuda a explicar por que ela pode incentivar tanto a aprendizagem. Contudo, esse potencial só se concretiza se a memória de trabalho do estudante não for sobrecarregada pelo próprio ato de escrever.

Escrever é uma faca de dois gumes: pode impor uma carga esmagadora sobre a memória de trabalho, mas também pode oferecer uma solução para suas

limitações. O segredo para ativar esse potencial está em dividir o processo de escrita em componentes manipuláveis e orientar os estudantes a praticarem cada um deles.

A PRÁTICA DELIBERADA TORNA A REVOLUÇÃO DA ESCRITA REVOLUCIONÁRIA

Diferente de outras abordagens de ensino da escrita, o método A revolução da escrita serve tanto para ensinar conteúdo quanto para ensinar escrita. Não há um bloco exclusivo para a escrita nem um currículo separado. Professores de todas as disciplinas podem e devem adaptar as estratégias e atividades de A revolução da escrita ao seu currículo atual, integrando-as ao ensino do conteúdo.

Talvez o aspecto mais revolucionário desse método seja que ele elimina o mistério de aprender a escrever bem. Em outras abordagens, o professor pode apresentar os elementos de um bom parágrafo ou de uma boa redação, ou mostrar um modelo de texto para que os alunos tentem imitá-lo. Para muitos estudantes, isso não é suficiente. Talvez eles consigam ler e gostar de textos bem estruturados, com frases variadas e fluidez, mas isso não significa que saibam como escrever desse jeito. Para eles, as técnicas de uma boa escrita parecem um código secreto que não conseguem decifrar.

A revolução da escrita revela o segredo para os estudantes. O processo de escrita é dividido em etapas mais manipuláveis, e os alunos praticam essas etapas várias vezes, ao mesmo tempo que aprendem o conteúdo. Por exemplo, muitos estudantes não compreendem por completo o que faz uma frase ser, de fato, uma frase. Dar-lhes uma definição — um conjunto de palavras que contém um sujeito e um predicado e expressa um pensamento completo — não é suficiente. O que eles precisam é de muita prática para distinguir um grupo de palavras que forma frases completas de um fragmento de frase. Se juntarmos essa atividade a um conteúdo que os alunos aprenderam recentemente e pedirmos que completem os fragmentos para transformá-los em frases completas, eles não apenas aprenderão a habilidade básica de formar frases, mas também reforçarão seu conhecimento sobre o conteúdo.

Esse tipo de prática, chamada de **prática deliberada** por alguns cientistas cognitivos (Neelen; Kirschner, 2016), é diferente de apenas dar aos estudantes meia hora para escrever e deixá-los por conta própria. Dificilmente repetir vai melhorar o desempenho. Para aperfeiçoar a escrita, é necessário oferecer uma série de exercícios que foquem as habilidades que o aluno ainda não dominou, ao

mesmo tempo que desenvolvem as habilidades que ele já adquiriu, de forma gradual, passo a passo. Além disso, o *feedback* deve ser claro e direto, para ajudar os estudantes a identificarem erros e acompanharem seu progresso.

Embora você seja a pessoa mais qualificada para avaliar o que seus alunos precisam e quando, A revolução da escrita oferece atividades que possibilitam a prática deliberada da escrita, além de um vocabulário que pode ser usado para um *feedback* rápido e eficaz.

OS SEIS PRINCÍPIOS DO MÉTODO A REVOLUÇÃO DA ESCRITA

O método A revolução da escrita se baseia em seis princípios fundamentais:

1. Os estudantes precisam do ensino explícito da escrita, de preferência desde os primeiros anos do ensino fundamental.
2. A base da escrita são as frases.
3. Quando integrado ao conteúdo do currículo, o ensino da escrita é uma ferramenta de ensino poderosa.
4. O conteúdo do currículo determina o nível de exigência das atividades de escrita.
5. Ensinar gramática é mais eficaz durante a prática da escrita.
6. As fases mais importantes do processo de escrita são o planejamento e a revisão.

Princípio 1: os estudantes precisam do ensino explícito da escrita, de preferência desde os primeiros anos do ensino fundamental

A maioria dos estudantes não aprende a escrever bem apenas lendo. Muitos que leem com facilidade têm dificuldades quando precisam escrever. Diferentemente da leitura, a escrita exige decidir o que dizer, quais palavras usar, como escrevê-las e em que ordem as colocar, e isso só no nível da frase. Escrever um parágrafo ou um texto inteiro demanda ainda mais decisões, planejamento e análise.

Assim como bons leitores não são necessariamente bons escritores, estudantes que falam de forma coerente podem escrever de maneira confusa. Muitos escrevem como falam, usando frases simples, desconexas ou fragmentadas. Esse tipo de comunicação pode funcionar em conversas, quando o ouvinte está

presente, porque expressões faciais e gestos indicam se a mensagem está sendo compreendida, e é possível ajustar o discurso ao nível de conhecimento da outra pessoa sobre o assunto.

Na escrita, porém, não temos esses sinais visuais e nem sempre sabemos quem será o público. Precisamos nos expressar com muito mais precisão e clareza, antecipando fatos e detalhes indispensáveis para entender o sentido. Também dependemos das palavras e da pontuação, em vez da entonação ou das pausas, para indicar nuances de significado ou mudanças na narrativa. Além disso, é necessário seguir as convenções de ortografia e gramática para evitar que erros distraiam os leitores do conteúdo.

Embora uma boa escrita deva ser clara e objetiva, quase sempre envolve estruturas frasais mais complexas e um vocabulário mais variado e preciso do que a linguagem falada. Quando conversamos, é raro começarmos frases com conjunções como “no entanto” ou “embora”, mas elas podem ser muito úteis na escrita. Conectar pensamentos com expressões como “portanto” ou “sobretudo”, que quase não aparecem na fala cotidiana, é essencial para criar um texto coeso e fluido.

De maneira geral, quando escrevemos, nossas palavras ficam registradas em papel ou na tela, o que torna desvios gramaticais e sintáticos, bem como erros de lógica, muito mais evidentes do que na linguagem falada. Além disso, geralmente a fala não é contínua como um parágrafo, muito menos um texto completo, exceto em discursos ou debates formais. Criar uma narrativa ou argumentação lógica e coesa na escrita exige muito mais reflexão e planejamento do que uma conversa ou uma participação em discussões de sala de aula.

Os primeiros anos do ensino fundamental são o momento ideal para começar a ensinar escrita. Se nos limitarmos a propor textos de histórias, diários e poemas nessa fase, como eu fazia no início da minha carreira como professora, desperdiçaremos um tempo valioso. Embora seja possível ensinar habilidades de escrita expositiva nos anos mais avançados, é muito mais fácil começar esse processo ainda no ensino fundamental. Mesmo crianças nos dois primeiros anos do fundamental podem fazer as atividades do método A revolução da escrita oralmente, sob orientação da professora, preparando o terreno para a escrita. Mais tarde, estudantes dos anos finais do ensino fundamental podem praticar ortografia e vocabulário por meio de atividades de escrita planejadas e relacionadas ao conteúdo que estão aprendendo. Ao mesmo tempo, podem aperfeiçoar a caligrafia.

Precisamos dar as ferramentas necessárias às crianças para que ganhem confiança como escritoras e consigam se expressar de forma clara e compreensível para os outros. Em vez de acharem enfadonho praticar os aspectos

técnicos da escrita, os estudantes muitas vezes sentem orgulho e segurança quando aprendem a elaborar frases bem construídas e parágrafos organizados de forma lógica.

Princípio 2: a base da escrita são as frases

Em muitas escolas, a quantidade de textos escritos tem sido mais valorizada do que a qualidade. Muitas vezes, os professores se sentem pressionados a pedir textos longos antes mesmo de os estudantes terem condições de produzir um texto coerente. Se os alunos não aprenderam a escrever frases bem construídas, o ensino deve começar a partir disso, independentemente da idade ou do nível escolar.

É claro que os estudantes precisam aprender a escrever textos mais longos, e a revolução da escrita inclui estratégias e atividades para guiá-los nesse processo. No entanto, quem não consegue escrever uma boa frase jamais conseguirá produzir uma boa redação ou mesmo um bom parágrafo. Além disso, se ainda têm dificuldades para formular frases, os estudantes têm menos recursos mentais disponíveis para planejar um parágrafo ou uma redação. Um exercício de formação de frases é mais adequado para aqueles que ainda enfrentam dificuldades com gramática, sintaxe, ortografia e pontuação.

As atividades de formação de frases não devem ser descartadas como básicas demais para estudantes mais velhos. Como Bruce Saddler (2012, p. 6) explicou, as frases “são produções textuais em miniatura”. Produzir uma única frase pode ser desafiador do ponto de vista cognitivo, principalmente se a tarefa exigir que o estudante explique, parafraseie ou resuma conteúdos complexos. Muitas atividades de formação de frases propostas neste livro não apenas ajudam a desenvolver habilidades de escrita, mas também ampliam o conhecimento e promovem o pensamento analítico.

Mesmo no nível da frase, é fundamental que os estudantes sejam orientados para que suas habilidades melhorem. A revolução da escrita oferece uma série de atividades que ajudam os alunos a escrever frases completas, variar suas estruturas e usar uma sintaxe mais complexa e um vocabulário novo, além de consolidar o conteúdo que aprenderam.

À medida que os alunos começam a adquirir habilidades básicas no nível da frase, a revolução da escrita auxilia, de forma estruturada, a escrita de textos mais longos. Contudo, o exercício de elaborar uma boa frase continua sendo útil e importante, independentemente do nível do estudante. Por isso, professores devem manter atividades nesse formato mesmo quando os alunos já estiverem

avanzando para parágrafos e produções completas. **O método A revolução da escrita é recursivo; isto é, os alunos podem visitar atividades já apresentadas e não ficam presos à ideia de “dominar” uma estratégia antes de avançar para outra.**

Isso significa que não é necessário esperar até que os estudantes dominem *todas* as estratégias de formação de frases de A revolução da escrita para que avancem para textos mais longos. Eles podem começar a desenvolver esquemas simples e a produzir parágrafos, dependendo de seu nível de habilidade. No entanto, o ideal é não pedir que escrevam textos longos sozinhos antes de aprenderem algumas habilidades básicas, como: distinguir frases completas e fragmentos; usar conjunções simples, como “porque”, “mas” e “por isso”; e empregar conjunções subordinativas simples, como “antes de” e “quando”. Além disso, antes de serem desafiados a escrever sozinhos, os estudantes devem aprender a elaborar um esquema de parágrafo ou redação.

Princípio 3: quando integrado ao conteúdo do currículo, o ensino da escrita é uma ferramenta de ensino poderosa

Quando as escolas se dedicam à escrita expositiva, muitas vezes os temas das tarefas se limitam às experiências pessoais ou opiniões dos estudantes em vez de aproveitarem o conteúdo das disciplinas que eles estão estudando, como língua portuguesa, história, ciências e matemática. Por exemplo, os estudantes podem praticar a escrita de textos persuasivos ao argumentar a favor ou contra o uso de uniformes escolares, ou podem aprender a escrever um texto comparativo ao avaliar os prós e contras da fama.

Esses temas gerais podem ser úteis para apresentar aspectos específicos da escrita, como tópicos frasais e esquemas. No entanto, até que o ensino seja sistemático e direcionado, as habilidades que os alunos desenvolvem quando escrevem sobre um assunto geralmente não se transferem para outro. Mesmo que aprendam a redigir um texto persuasivo sobre por que merecem uma mesada maior, é provável que não consigam aplicar essas habilidades a um texto argumentativo sobre como a Guerra Civil Americana estava associada à escravidão.

Outra prática comum é propor redações com base em um currículo específico dedicado à escrita. Em geral, esse currículo oferece pouca ou nenhuma informação relevante sobre o tema proposto. Há dois problemas principais com essa abordagem.

O primeiro problema é que escrever sobre temas não relacionados ao currículo principal — seja com base em experiências pessoais e opiniões, seja com

base em um currículo separado — é uma oportunidade perdida para aperfeiçoar a aprendizagem. A escrita não é apenas uma habilidade; é também uma ferramenta de ensino eficaz. Quando escrevem, os estudantes, e até mesmo o professor, identificam o que não entenderam e de que informações precisam, além das que lhes foram dadas. Como observado em muitas salas de aula, escrever sobre o conteúdo que estão estudando ajuda os estudantes a sintetizarem informações e a desenvolverem suas interpretações. Se estão aprendendo sobre o Egito Antigo ou sobre fenômenos climáticos, como tornados e furacões, o ensino desses temas deve incluir atividades de escrita.

Outro problema é que a escrita e o conhecimento do conteúdo estão relacionados. **Não é possível escrever bem sobre algo que não se entende bem.** Quanto mais os estudantes souberem sobre um tema antes de começarem a escrever, melhor conseguirão se expressar por escrito. Além disso, o processo de escrita aprofunda a compreensão de um tema e ajuda a consolidar esse conhecimento na memória.

Um problema ainda mais sério no ensino fundamental e, até mesmo, no ensino médio é que o currículo geralmente não explora nenhum conteúdo de forma aprofundada. Quase todo o tempo de aula é destinado ao estudo da língua e da matemática, e a leitura muitas vezes consiste em praticar habilidades de compreensão com textos de temas variados e aleatórios. Essa abordagem, além de não melhorar a compreensão em leitura (Wexler, 2019), também dificulta, ou até inviabiliza, o aprendizado da escrita. Se os estudantes passam de um assunto para outro, porque o foco está em habilidades de compreensão e não no conteúdo, é provável que não tenham conhecimento suficiente sobre tema algum para escrever de forma coerente sobre ele. Caso o currículo da sua escola não aborde os temas de maneira aprofundada, ainda assim é possível usar o método A revolução da escrita para desenvolver as habilidades de escrita e a aprendizagem dos estudantes. No entanto, é necessário buscar materiais complementares para enriquecer o conteúdo do currículo.

Para que os estudantes se tornem leitores e escritores proficientes, todas as disciplinas, incluindo língua portuguesa, devem apresentar bons materiais informativos. Além disso, todos os professores, independentemente da área de ensino, devem atuar como professores de escrita. Docentes de história, ciências, idiomas, matemática e até música, artes e educação física já integraram atividades de A revolução da escrita em suas práticas pedagógicas. Embora as escolas possam decidir quais disciplinas adotarão o método A revolução da escrita, é importante lembrar que, quanto mais professores utilizarem uma

abordagem em comum para o ensino da escrita dentro de uma escola, melhores serão os resultados.

No início, alguns professores de outras disciplinas que não língua portuguesa podem achar intimidador ensinar os alunos a escreverem textos. Muitos talvez pensem que essa não é sua responsabilidade principal. No entanto, a experiência mostra que, em vez de atrapalhar o ensino de seus conteúdos, o método A revolução da escrita potencializa a aprendizagem e melhora a compreensão dos estudantes sobre o tema. Além disso, as estratégias podem ser integradas de forma prática, com atividades de apenas 5 a 15 minutos, como revisão de conteúdos, **tarefas rápidas e tarefas de encerramento**.

Princípio 4: o conteúdo do currículo determina o nível de exigência das atividades de escrita

Ao seguir o terceiro princípio e conectar as atividades de escrita com os temas ensinados, é possível usar as mesmas atividades em diferentes níveis de ensino ou áreas do conhecimento; basta ajustar o nível de exigência conforme o conteúdo. A estrutura da atividade permanece a mesma, mas a complexidade do conteúdo a torna mais ou menos desafiadora. Além disso, quando a mesma atividade é aplicada em diferentes contextos, os alunos compreendem assuntos de diferentes áreas do conhecimento.

Uma das tarefas de formação de frases propostas por A revolução da escrita trabalha as conjunções “porque”, “mas” e “por isso” para incentivar respostas mais elaboradas. O professor dá o início de uma frase (oração independente), e os estudantes completam a frase de três formas diferentes, com cada uma das conjunções.

Suponha que os alunos do ensino fundamental tenham lido *A verdadeira história da sopa de pedra* (Brown, 1947). As respostas podem ser:

O tio acha que os meninos são preguiçosos porque faz todo o trabalho sozinho.

O tio acha que os meninos são preguiçosos, mas na verdade os meninos fazem todo o trabalho sozinhos.

O tio acha que os meninos são preguiçosos, por isso eles sempre brigam.

Em matemática, em vez de perguntar “Por que a raiz de 2 é um número irracional?”, você pode propor aos alunos uma atividade de escrita com o mesmo conteúdo, como:

A raiz de 2 é um número irracional porque 2 não é o quadrado de um número inteiro.

A raiz de 2 é um número irracional, mas seu valor pode ser aproximado na reta numérica.

A raiz de 2 é um número irracional, por isso não pode ser escrito como a razão entre dois números inteiros.

No ensino médio, em uma aula de história:

O Império Mongol entrou em colapso porque era grande demais para ser controlado.

O Império Mongol entrou em colapso, mas as regiões da Rússia permaneceram sob controle da Mongólia por séculos.

O Império Mongol entrou em colapso, por isso o comércio entre a Ásia e o Oriente Médio diminuiu.

Na disciplina de ciências, a atividade poderia ser assim:

A energia eólica é um recurso sustentável porque não requer combustível.

A energia eólica é um recurso sustentável, mas pode ser prejudicial para algumas espécies da fauna.

A energia eólica é um recurso sustentável, por isso as empresas estão investindo em turbinas eólicas.

Em cada um desses casos, os alunos precisam consultar o material que estão estudando e buscar informações relevantes para completar as frases. A atividade talvez seja bastante desafiadora. Se você acha que atividades de formação de frases são apenas para alunos do ensino fundamental, tente completar esta:

“Immanuel Kant acreditava que espaço e tempo são formas subjetivas da sensibilidade humana, mas _____”.

Independentemente do conteúdo dessas atividades, a especificidade das instruções as torna muito mais eficazes do que uma pergunta aberta, como “Por que o Império Mongol entrou em colapso?”. A conjunção “mas”, por exemplo, exige que os alunos tenham duas ideias contrárias em mente e encontrem evidências para embasar uma delas. Seus alunos decidirão como completar as frases sozinhos, mas usando uma estrutura que os direciona para um pensamento focado e rigoroso.

Princípio 5: ensinar gramática é mais eficaz durante a prática da escrita

Alguns estudos mostram que os alunos que entendem melhor as regras gramaticais escrevem melhor (Marjokorpi, 2023). No entanto, também demonstram que ensinar regras isoladas não funciona. Isso não significa que os professores não possam ou não devam ensinar gramática. Como observamos ao longo dos anos, o que funciona é ensinar convenções de escrita e gramática durante o ensino da escrita (Graham; Perin, 2007).

Assim como as habilidades desenvolvidas na escrita sobre um determinado assunto podem não ser transferidas para outro, muitos alunos não conseguirão aplicar aos textos regras ensinadas de forma abstrata. Embora seja útil que os alunos tenham familiaridade geral com conceitos básicos como **substantivo** e **verbo**, isso não necessariamente os impedirá de escrever “frases” sem um ou outro.

Algumas pessoas defendem fervorosamente a análise sintática, geralmente aquelas que aprenderam a escrever com essa técnica. Ela pode funcionar para alguns alunos, mas, para muitos, em especial aqueles que têm dificuldades com a linguagem, dividir os elementos de uma frase de acordo com sua função e representá-los em um diagrama só aumenta a confusão.

O método A revolução da escrita não ensina gramática pela gramática. Você não encontrará, por exemplo, exercícios sobre sintagmas preposicionais e seu uso, embora os alunos, sem dúvida, usem tais elementos em sua escrita. Em vez disso, os alunos aprendem um número seletivo de termos e funções gramaticais que aparecem com frequência na linguagem escrita, mas raramente na conversação. Os alunos precisam se familiarizar com esses conceitos gramaticais para se tornarem escritores — e leitores — proficientes.

É por isso que as estratégias de A revolução da escrita ensinam a usar **apóstrofes**, que são sintagmas usados para descrever um substantivo, e usar **conjunções**

subordinativas para introduzir **orações subordinadas**. Esses termos gramaticais são discutidos no Capítulo 4 e estão no glossário. Eles podem servir como uma espécie de atalho no *feedback* dos professores. Em vez de um *feedback* vago, como “Use diferentes estruturas de frases”, os professores podem dizer “Insira um aposto aqui”, com a confiança de que os alunos entenderão o que fazer e como isso vai melhorar sua escrita.

Princípio 6: as fases mais importantes do processo de escrita são o planejamento e a revisão

Quando os alunos estão prontos para lidar com trechos mais longos, como parágrafos e redações, eles precisam passar por quatro etapas antes de produzir uma versão final: planejamento, elaboração de rascunho, preparação e revisão. As fases cruciais, porém, são planejamento e revisão.

Todos os alunos precisam planejar antes de escrever, principalmente na escrita expositiva. Embora escritores experientes possam produzir um parágrafo ou uma redação bem desenvolvidos de improviso, a maioria dos alunos com quem trabalhamos acha difícil organizar seus pensamentos ao mesmo tempo que precisa escolher palavras e descobrir a melhor maneira de estruturar as frases. Eles podem esquecer o que queriam dizer em seguida ou se repetir. Como mencionamos, são muitas informações para conciliar na memória de trabalho.

Por isso, escritores iniciantes ou não especializados costumam apenas escrever o que lhes vem à mente sobre um determinado tema. Por exemplo, confira a seguir como um aluno do 6º ano explicou sua estratégia para escrever uma redação:

Tenho um monte de ideias e as anoto até que meu estoque acabe. Depois, continuo pensando em mais ideias até o ponto em que não consigo pensar em mais nenhuma que valha colocar no papel. Aí então eu termino (Scardamalia; Bereiter, 1987).

Escritores experientes, por outro lado, decidem seu propósito antes de começar a escrever: qual é o público-alvo, o que eles querem que o leitor aprenda e quais ideias desejam apresentar. Fazem um plano, listam os pontos a incluir e a ordem em que devem apresentá-los. Às vezes, mostram um esquema ou rascunho a um leitor ou editor para saber o que precisam modificar. Enquanto tentam deixar as explicações mais claras, talvez tenham novas ideias e consigam estabelecer outras relações entre elas.

Mesmo crianças pequenas podem aprender a fazer esquemas de parágrafos com a orientação do professor, se a atividade for feita oralmente e em grupo. Um

professor do 1º ano usou o método Hochman para ajudar as crianças a elaborarem um esquema de apenas um parágrafo. Elas deveriam escrever sobre como plantavam sementes e cultivavam vegetais. Esse tipo de atividade promove o pensamento lógico e analítico de uma forma viável do ponto de vista cognitivo, preparando o terreno para a escrita independente.

Os alunos que já estão prontos para esse tipo de escrita recebem vários modelos básicos de esquema: um para o planejamento de parágrafos e alguns para o planejamento de produções completas. A maior parte do trabalho de escrita ocorre na fase de planejamento, quando os alunos pensam na ideia principal ou tema, nos pontos que apresentarão e na ordem. Com isso, eles descobrem se precisam esclarecer algo, fazem as conexões necessárias entre ideias, argumentos, detalhes ou evidências relevantes e verificam se não fugiram da ideia principal ou não se repetiram.

Quando os estudantes já têm um esquema bem organizado, costuma ser simples transformá-lo em um rascunho básico. Em seguida, vem a próxima etapa importante da escrita: revisar o rascunho, para que ele fique claro e coeso. É nesse momento que utilizam as habilidades adquiridas nas tarefas de formação de frases, como usar conjunções subordinativas e apostos para variar a estrutura das frases, bem como inserir conjunções ou locuções conjuntivas para garantir fluidez entre frases e parágrafos.

Os professores que seguem esses seis princípios para implementar o método A revolução da escrita descobriram que ele não apenas desenvolve habilidades de escrita, mas também ajuda estudantes a compreenderem melhor o conteúdo e a desenvolverem o pensamento analítico. Esses professores aprenderam a dar instruções claras e diretas sobre escrita, além de fornecer *feedback imediato* e propor atividades de formação de frases, independentemente do nível escolar ou da disciplina. Os temas são baseados no conteúdo que a turma está estudando, o que permite que os estudantes lidem com os textos de maneira mais eficaz e eleva o nível de desafio das atividades conforme a complexidade do conteúdo. Os professores ensinam o uso correto da gramática, da pontuação, das maiúsculas e de outras convenções, integrando esse aprendizado aos trabalhos que propõem. Além disso, dividem o processo de escrita em etapas manipuláveis, com ênfase especial no planejamento e na revisão, para evitar que os estudantes se sintam sobrecarregados com as várias demandas da escrita.

COMO USAR ESTE LIVRO

A revolução da escrita 2.0 oferece uma sequência estruturada de estratégias e atividades que podem ser adaptadas a qualquer área de conteúdo, ano escolar ou habilidade. Seja em turmas grandes, pequenos grupos ou aulas individuais, você encontrará diversas formas de aplicá-las. As atividades também são adaptáveis com facilidade, permitindo ajustes para atender a diferentes níveis de habilidade dentro de uma mesma sala de aula.

O livro traz inúmeros exemplos práticos de como implementar as estratégias, além de um glossário com termos-chave no final e um apêndice com recursos. Como complemento, recursos adicionais, incluindo modelos personalizáveis, atividades de exemplo e pôsteres estão disponíveis na página do livro em lojagrupoa.com.br.

PRINCIPAIS PONTOS

Antes de descrevermos a organização do livro, gostaríamos de destacar alguns aspectos importantes que você deve ter em mente ao lê-lo.

- Usamos o termo “estratégia” para nos referir a uma técnica ampla, enquanto “atividade”, “tarefas” ou “exercícios” se referem às ferramentas para ensinar essa estratégia. Por exemplo, resumir é uma estratégia; dar um artigo para os estudantes lerem e pedir que o resumam em uma frase é uma atividade para ensinar essa estratégia.
- Todas as estratégias e muitas atividades começam com uma lista de pontos que explicam **por que** é importante dar instruções explícitas para essas técnicas.
- Embora o livro apresente as estratégias em uma sequência linear, na prática, *várias* delas serão utilizadas ao mesmo tempo. Por exemplo, você pode pedir que os estudantes escrevam uma frase para resumir uma notícia. Essa frase pode se tornar o tópico frasal de um esquema de apenas um parágrafo, que, por sua vez, pode servir como base para o rascunho de um parágrafo. Os estudantes não precisam dominar todas as estratégias de formação de frases antes de aprenderem a desenvolver o esquema de apenas um parágrafo.
- Siga a sequência sugerida para mostrar novas estratégias, mas incentive a prática recorrente das estratégias já ensinadas. Em especial, as atividades

de formação de frases continuam importantes mesmo quando os estudantes passam a revisar parágrafos e textos mais longos.

- Para apresentar uma estratégia, é recomendável mostrar um modelo da atividade para a turma e, em seguida, pedir que pratiquem oralmente. Isso é válido tanto para os estudantes mais novos quanto para os mais velhos, que também precisam de exemplos e atividades em grupo. Depois de entenderem o conceito, eles podem realizar a atividade de forma individual e por escrito.
- Para demonstrar uma estratégia pela primeira vez, prefira usar um tema com o qual todos os estudantes já estejam familiarizados. Assim, eles não precisam lidar com a carga de conteúdo novo ao mesmo tempo que aprendem uma nova estratégia de escrita. Você pode usar um tema já abordado em aula ou algo de fora do currículo, como “inverno”.
- Quando for passar um modelo de atividade para toda a turma, use algo que possibilite a visualização de todos os alunos, como o quadro, a lousa, o projetor, cartolinas, quadros interativos ou uma câmera de documentos.
- Ao adaptar as estratégias e atividades ao conteúdo do currículo, antecipe possíveis respostas dos alunos para as tarefas. É comum criar atividades que pareçam claras para quem as propõe, mas que podem confundir os estudantes. Você deve saber com clareza o que você quer que eles aprendam e planejar as atividades a partir desse objetivo (Hawkins *et al.*, 2008).
- Os exemplos de atividades apresentados no livro geralmente incluem duas versões: uma para os estudantes de nível básico e outra para os de nível avançado. Essas categorias se referem a habilidades de escrita mais básicas e mais avançadas, respectivamente, e podem coincidir com os níveis escolares em relação aos temas abordados. Os exemplos de nível básico são voltados a conteúdos do ensino fundamental, e os de nível avançado abordam temas do ensino médio. No entanto, muitos estudantes do ensino médio ainda carecem de habilidades básicas de escrita, por isso evitamos designar o ano escolar. Saiba as necessidades e habilidades de seus alunos para adaptar as atividades ao conteúdo ensinado.
- Ao longo do ano letivo, os *feedbacks* devem ser dados logo após a atividade. Além disso, avalie regularmente o progresso dos alunos. Isso ajuda a decidir as estratégias a priorizar, o ritmo ideal para seguir a sequência e quais estudantes precisam de adaptações específicas.

- O método Hochman funciona melhor quando é implementado em todas as disciplinas possíveis. Em escolas secundárias e primárias onde diferentes disciplinas são ministradas por diferentes professores, é essencial organizar o trabalho e garantir tempo para o planejamento em conjunto. Para facilitar essa colaboração, o livro apresenta termos-chave que todos os professores podem usar como linguagem comum e para compartilhar dicas sobre como apresentar e aplicar as estratégias e atividades do método. Esses termos estão destacados em negrito no texto, e suas definições podem ser encontradas no glossário.
- Usamos o termo “diferenciar” no sentido de adaptar uma atividade para torná-la mais ou menos desafiadora.

Como este livro está organizado e o que ele aborda

Este livro está dividido em três seções. A primeira visa à compreensão e ao uso eficaz de frases, além de apresentar um sistema para organizar ideias. A segunda aborda parágrafos, textos mais extensos, revisões e resumos. A terceira foca a avaliação da escrita dos estudantes e a adaptação das estratégias de A revolução da escrita às suas turmas.

Frases

As estratégias dessa seção ajudam os estudantes a entenderem a finalidade e a estrutura das frases, e a desenvolverem a habilidade de criar frases complexas que mostrem um pensamento mais aprofundado.

As estratégias incluem:

- compreender o conceito de frase, aprendendo as diferenças entre frases e fragmentos e reorganizando palavras para formar frases completas;
- expandir uma **frase básica** ao adicionar detalhes;
- utilizar os quatro tipos de frases: afirmativas, interrogativas, exclamativas e imperativas;
- desenvolver perguntas;
- aprimorar respostas usando conjunções básicas (“porque”, “mas” e “por isso”);
- usar conjunções subordinativas para representar estruturas da linguagem escrita;

- inserir apostos para descrever um substantivo;
- juntar duas ou mais frases curtas em uma mais longa;
- usar conjunções para conectar ideias e frases.

Essas estratégias incentivam o pensamento analítico, induzem os estudantes a darem mais informações ao leitor e tornam seus textos mais interessantes e envolventes.

Essa seção também apresenta um sistema de abreviações e símbolos, para que os alunos façam anotações durante as leituras. As atividades propostas os ensinam a usar palavras e frases-chave para fazer essas anotações, que depois serão transformadas outra vez em texto escrito por eles mesmos. Desse modo, eles podem processar e entender de verdade o que leem, em vez de apenas copiar o conteúdo.

Textos longos

Nessa seção, você verá por que é essencial que os alunos planejem antes de se dedicarem a formatos mais longos de escrita. Apresentaremos uma forma de estruturação para ajudar os estudantes a criarem parágrafos coerentes, com tópico frasal, frases de apoio com detalhes-chave e frases de conclusão. As atividades de revisão do método Hochman ensinam as técnicas necessárias para uma escrita mais fluida.

Também abordaremos a estratégia de resumir e, em seguida, os desafios de fazer produções textuais completas: escolher um tema, desenvolver uma tese, elaborar introdução e conclusão, bem como parágrafos, e usar citações.

A revolução da escrita trabalha com quatro tipos de parágrafos e, consequentemente, textos: expositivos, narrativos, descritivos e argumentativos (ou de opinião). Há um capítulo específico (Capítulo 10) dedicado à escrita de textos argumentativos, dada a complexidade desse tipo e a ênfase que ele vem recebendo em muitos currículos.

Avaliação da escrita e adaptação do método Hochman à sua sala de aula

A seção final orienta sobre o processo, às vezes desafiador, de avaliação. Isso inclui recolher amostras de escrita no início do ano letivo para estabelecer metas individuais e coletivas. É importante que você tenha compreendido todo o conteúdo deste livro antes de definir essas metas. Recomendamos aplicar

avaliações semelhantes no meio e no fim do ano para acompanhar o progresso dos estudantes.

Os dois últimos capítulos trazem sugestões práticas para “revolucionar” os materiais didáticos que você já tem, ajustando-os às estratégias do método A revolução da escrita que você está ensinando. Também detalhamos a sequência ideal para apresentar essas estratégias.

Todas as atividades deste livro, quando integradas ao conteúdo que você vai ensinar, são ferramentas eficazes para avaliar se os estudantes compreenderam e retiveram o conteúdo.

A professora Cappiello estava enganada: este ano foi diferente para os seus alunos do 9º ano. Ela ensinou a eles diversas estratégias do método Hochman integradas ao conteúdo do currículo.

No fim do ano, deu outra proposta de escrita aos alunos. Dessa vez, a tarefa era produzir um parágrafo sobre uma pessoa que eles haviam estudado e o impacto que essa pessoa causou.

Vários alunos escreveram tópicos frasais com um aposto. Por exemplo, a primeira frase do texto de Michael foi: “Martin Luther King Jr., um líder célebre, foi inspiração para muitas pessoas”.

As frases dos alunos não eram perfeitas, mas estavam muito mais complexas e detalhadas do que aquelas produzidas no início do ano.

As aulas que tinham como foco a formação de frases também melhoraram significativamente a compreensão de leitura dos alunos, ajudando-os a interpretar estruturas sintáticas mais complexas. Além disso, as aulas aprofundaram o que os estudantes aprenderam sobre o conteúdo do currículo.

Ao longo do ano, a professora Cappiello também os ensinou a elaborar esquemas e usá-los para escrever parágrafos. Quando os alunos aprenderam a planejar antes de escrever, os textos ficaram mais coerentes. Durante o processo de redação e revisão, ela percebeu que eles aplicavam as novas habilidades de construção de frases para escrever com estruturas diferentes e conectar melhor suas ideias.

Naquele ano, ela disse a uma colega que o método A revolução da escrita havia mudado sua prática e a aprendizagem dos alunos: “Foi realmente um divisor de águas”, afirmou.

Resumo

Ao apresentar as atividades de construção de frases descritas nestes capítulos para seus alunos, considere os seguintes pontos:

- Quando apresentar uma nova atividade, demonstre para os alunos como ela deve ser feita.
- Peça aos alunos, de todas as idades, que pratiquem as atividades de formação de frases tanto oralmente quanto por escrito.
- Com crianças pequenas (da pré-escola ao 2º ano), priorize atividades orais e em grupo, com a turma toda.
- Com alunos de todas as idades, apresente as novas estratégias ou os novos conceitos de escrita oralmente e para a turma toda ao mesmo tempo, e use conteúdos com os quais estejam familiarizados.
- Depois que os alunos aprenderem um novo conceito de escrita, use as atividades de escrita do método Hochman no conteúdo que está ensinando.
- Adapte as atividades para atender a diferentes níveis de habilidade, mas com o mesmo conteúdo para toda a turma.
- Antes das atividades, anote as respostas que espera receber dos alunos.
- Verifique se os alunos têm o conhecimento necessário sobre o conteúdo para conseguirem realizar a atividade.
- Conforme avança na sequência de atividades, volte às já trabalhadas para reforçar e expandir as habilidades adquiridas. Você pode usar diferentes atividades de formação de frases ao mesmo tempo. Além disso, os alunos podem começar a elaborar esquemas e até escrever parágrafos enquanto ainda praticam essas atividades.

QUESTÕES PARA DISCUSSÃO SOBRE O LIVRO

1. Em sua formação, você aprendeu a ensinar escrita? Se sim, qual foi a abordagem?
2. Quais abordagens de ensino da escrita foram utilizadas nas escolas onde você lecionou? Você acha que essas abordagens funcionaram?
3. Por que muitos alunos têm dificuldade em aprender a escrever?
4. Quais são os benefícios de integrar o ensino explícito da escrita ao conteúdo do currículo?
5. Por que o método Hochman deve ser implementado já no ensino fundamental, sempre que possível?
6. Qual é o papel da memória de trabalho no processo de escrita?
7. Como cada um dos seis princípios contribui para resultados positivos na aprendizagem?

REFERÊNCIAS

- BROWN, M. *Stone soup: an old tale*. New York: Charles Scribner's Sons, 1947.
- GILBERT, J.; GRAHAM, S. Teaching writing to elementary students in grades 4–6: a national survey. *The Elementary School Journal*, v. 110, n. 4, 2010.
- GRAHAM, S. *et al.* *Teaching secondary students to write effectively*: NCEE 2017-4002. Washington: National Center for Education Evaluation and Regional Assistance, 2016.
- GRAHAM, S.; PERIN, D. *Writing next: effective strategies to improve writing of adolescents in middle and high schools*. A report to Carnegie Corporation of New York. Washington: Alliance for Excellent Education, 2007.
- HAWKINS, J. *et al.* *Writing for understanding*. South Strafford: Vermont Writing Collaborative, 2008.
- HEBERT, M.; SIMPSON, A.; GRAHAM, S. Comparing effects of different writing activities on reading comprehension: a meta-analysis. *Reading and Writing*, v. 26, p. 111-138, 2013.
- KARPICKE, J.; BLUNT, J. R. Retrieval practice produces more learning than elaborative studying with concept mapping. *Science*, v. 331, p. 772-775, 2011.
- MARJOKORPI, J. The relationship between grammatical understanding and writing skills in finnish secondary L1 education. *Reading and Writing*, v. 36, p. 2605-2625, 2023.
- NATIONAL CENTER FOR EDUCATION STATISTICS. *The nation's report card: writing 2011*. Washington: Institute of Education Sciences, US Department of Education, 2012.
- NATIONAL READING PANEL. *Teaching children to read: an evidence-based assessment of the scientific research literature on reading and its implications for reading instruction*. Reports of the Subgroups. [S. l.]: NRP, 2000.
- NEELEN, M.; KIRSCHNER, P. A. Deliberate practice: what it is and what it isn't. *3-Star Learning Experiences*, jun. 2016.
- OROSCO, M. J.; REED, D. K. Effects of professional development on English learners. *Journal of Learning Disabilities*, v. 56, n. 4, p. 324-338, 2023.
- ORTON, S. T.; GILLINGHAM, A. *The Orton-Gillingham approach*. [S. l.]: IMSE, 2022.
- REARDON, S. F. *et al.* Patterns of literacy among U.S. students. *The Future of Children*, v. 22, p. 17-37, 2013.
- SADDLER, B. *Teacher's guide to effective sentence writing*. New York: The Guilford, 2012.
- SCARDAMALIA, M.; BEREITER, C. Knowledge telling and knowledge transforming in written composition. In: ROSENBERG, S. (ed.). *Advances in applied psycholinguistics*, v. 1. Cambridge: Cambridge University, 1987. p. 142-175.
- SCOTT, C. M.; BALTHAZAR, C. H. The role of complex sentence knowledge in children with reading and writing difficulties. *Perspectives on Language and Literacy*, v. 39, n. 3, p. 18-30, 2013.
- SHANAHAN, T. Trying again: what teachers need to know about sentence comprehension. *Shanahan on Literacy*, Aug., 2022.

SKAR, G. B. *et al.* A longitudinal intervention study of the effects of increasing amount of meaningful writing across grades 1 and 2. *Reading and Writing*, v. 37, p. 1345–1373, 2023.

TYRE, P. The Writing Revolution. *The Atlantic*, v. 10, Oct. 2012.

WEXLER, N. *The knowledge gap: the hidden cause of America's broken education system—and how to fix it*. New York: Penguin Random House, 2019.

Leituras recomendadas

BRINDLE, M.; GRAHAM, S.; HARRIS, K. R.; HEBERT, M. Third and fourth grade teacher's classroom practices in writing: a national survey. *Reading and Writing: An Interdisciplinary Journal*, v. 29, n. 5, p. 929-954, 2016.

ERICSSON, K. A.; POOL, R. *Peak: secrets from the new science of expertise*. New York: Houghton Mifflin Harcourt, 2016.

GILLON, G.; DODD, B. The effects of training phonological, semantic, and syntactic processing skills in spoken language on reading ability. *Language, Speech, and Hearing Services in Schools*, v. 26, p. 58-68, 1995.

GRAHAM, S. *et al.* Effectiveness of literacy programs balancing reading and writing instruction: a meta-analysis. *Reading Research Quarterly*, v. 53, n. 3, p. 279-304, 2018.

GRAHAM, S.; HEBERT, M. A. *Writing to read: evidence for how writing can improve reading* [A Carnegie Corporation Time to Act Report]. Washington: Alliance for Excellent Education, 2010.

GRAHAM, S.; KIUHARA, S. A.; MACKAY, M. The effects of writing on learning in science, social studies, and mathematics: a meta-analysis. *Review of Educational Research*, v. 90, n. 2, 2020.

MYERS, J. *et al.* What about writing? A national exploratory study of writing instruction in teacher preparation programs. *Literacy Research and Instruction*, v. 55, n. 4, p. 309-330, 2016.

STEVENS, E. A.; PARK, S.; VAUGHN, S. A review of summarizing and main idea interventions for struggling readers in grades 3 through 12: 1978–2016. *Remedial and Special Education*, v. 40, n. 3, 2018.

TROIA, G.; GRAHAM, S. Common core writing and language standards and aligned state assessments: a national survey of teacher beliefs and attitudes. *Reading and Writing*, v. 29, n. 9, 2016.

